

Candidato, Sarney vai mudar para o Amapá

O povo tem memória

SEBASTIÃO BURBULHAN

As eleições presidenciais do ano passado deixaram algumas lições que não podem ser esquecidas. A vitória de Fernando Collor demonstrou que o povo não aguenta mais os políticos oportunistas, que batem uma vez no cravo e outra na ferradura. Demonstrou, também, que os partidos tradicionais, que atuam ao sabor das conveniências e modificam seu ideário em função de expectativas eleitoreiras, faliram completamente. O eleitorado vingou-se: enganado uma vez, não esqueceu o passado.

Dentro de mais alguns dias, com o início do horário eleitoral gratuito, a disputa eleitoral, agora a nível dos estados, voltará a dominar o noticiário jornalístico. Aqui, em São Paulo, disputarão o governo Plínio de Arruda Sampaio, pelo PT; Luis Antonio Fleury Filho, do PMDB; Paulo Maluf, do PDS; Mário Covas, pelo PSDB, e Adhemar de Barros Filho, pelo PRP.

Embora pessoalmente não me tenha definido por nenhum deles, gostaria de fazer alguns comentários sobre a vida pública de um dos candidatos: o senador Mário Covas. Examinando sua trajetória política e pinçando alguns momentos da sua carreira é possível entender porque, no ano passado, os eleitores deram um basta aos políticos oportunistas e aos partidos que só querem participar do loteamento do poder.

O senador Mário Covas notabilizou-se por ser capaz de assumir qualquer posição, desde que isso facilitasse sua ascensão política. Foi janista e depois, sem jamais ter rompido com Jânio, transmudou-se em antijanista para ganhar força no antigo MDB. Fez campanha contra Montoro mas, quando ele chegou ao governo, virou seu adepto de modo tão convincente que se tornou prefeito biônico em São Paulo — embora sempre tenha criticado as eleições indiretas quando estas não lhes eram convenientes...

Eleito senador pelo estado de São Paulo — graças ao prolongamento artificial do Plano Cruzado e ao apoio de José Sarney —, Covas rebelou-se contra o governo a qual servia. Embora tenha participado da coalizão dominante enquanto isso lhe interessava e indicando amigos e correligionários para car-

gos importantes, o senador virou oposição dentro de seu próprio partido. Durante a Constituinte, colocou-se ao lado da esquerda mais radical, contribuindo, com a sua intransigência, para que a nossa Constituição se imiscuisse nos mais diferentes campos da vida social, tornando-se uma verdadeira colcha de retalhos.

Como candidato à Presidência da República, Covas mais uma vez mudou sua posição. Atento ao desmoronamento dos regimes socialistas, não teve dúvidas: pregou o "choque de capitalismo", em um dos discursos mais artificiais e pouco convincentes da história do Congresso brasileiro.

As pessoas podem mudar de idéia, é evidente. Quando Covas defendeu um "choque de capitalismo", estava batendo na tecla certa. Mas, de novo, o senador estava dizendo aquilo que não era sua convicção. Tanto isso é verdade que, derrotado no primeiro turno — e tendo obtido grande votação nos bairros mais abastados na capital paulista —, Covas deu mais uma reviravolta e emprestou seu apoio ao candidato que representava, exatamente, a negação do capitalismo que o senador dizia defender: Luis Inácio Lula da Silva.

Nesse particular, é preciso lembrar que o candidato do PT sempre foi, pelo menos, coerente. Ele acredita, sinceramente, que a Nicarágua Sandinista, Cuba e Albânia são o paraíso da Terra. Que a estatização, a burocratização e o dirigismo são as melhores alternativas para o Brasil. Paciência. Que o PCB e o PC do B lhe acompanhem. Mas o senador Mário Covas, um homem que fez questão de identificar-se, às vésperas da eleição, como um capitalista autêntico e defensor da modernidade, não poderia entrar no barco petista. Ficou esquisito, inautêntico, artificial.

Um político que pensa tem todo direito de alterar suas posições. Agora, quem muda muito de idéia é porque não tem nenhuma. A esses só podemos recomendar cautela: o povo brasileiro já provou que está atento e que sua memória está longe de ser tão curta quanto imaginam os oscilantes e oportunistas.

Sebastião Burbulhan é empresário, presidente do Sindicato da Indústria de Calçados do Estado de São Paulo

JACQUELINE HELUY
Correspondente

São Luís — Vencida a primeira batalha rumo ao Senado, o ex-presidente José Sarney começa agora a arrumar as malas para passar a residir no seu novo domicílio eleitoral, na cidade de Macapá, no estado do Amapá, a partir de agosto. A decisão do Tribunal Regional Eleitoral do Pará pelo não acolhimento, por unanimidade, dos cinco pedidos de impugnação contra a mudança de domicílio eleitoral do ex-presidente foi recebida com satisfação por sua família, antecipa-se nesta capital.

O governador do Maranhão, João Alberto de Sousa (PFL), evitou fazer qualquer comentário sobre a decisão do TRE. Além do governador, outros políticos e pessoas influentes ligadas a Sarney também se recusaram a fazer qualquer comentário, atendendo a um pedido do próprio ex-presidente. João Alberto, por exemplo, tão logo soube da decisão favorável, ligou do seu gabinete no Palácio dos Leões, para

Aliados mantêm o poder no MA

Fato semelhante acontece com o ex-governador Epitácio Cafeteira, que em 1986 fez as pazes com Sarney, depois de longos anos de inimizades, e teve o seu apoio para vencer as eleições para governador, com mais de um milhão de votos. Hoje Cafeteira também está unido a João Castelo, que em 1986 foi seu adversário.

Mas, mesmo concorrendo à eleição pelo Amapá, o grupo Sarney tem ainda profundas raízes no Maranhão. O ex-presidente não deixa seus aliados na orfanade e terá como representantes, caso sejam eleitos, os filhos Roseana e Zequinha Sarney, candidatas a deputada federal, os primos Alberto Filho e Anselmo Ferreira, além de Sarney Neto, candidatos a estadual, e ainda os amigos fiéis José Reinaldo Tavares, que foi ministro dos Transportes em seu governo, o ex-prefeito de São Luís, Mauro Fecury.

Brasília, a fim de felicitar Sarney.

O ex-ministro José Reinaldo Tavares, candidato a deputado federal e que hoje administra as empresas de comunicação (rádio, jornal e televisão) da família Sarney, disse que o ex-presidente recebeu com muito entusiasmo a decisão favorável à sua candidatura, chegando a elogiar o trabalho desempenhado pelo advogado José Carlos Souza e Silva, que representou os seus interesses no processo.

Se no Amapá o PMDB comemorou com euforia a vitória do ex-presidente, o mesmo não aconteceu com o PMDB do Maranhão, que é hoje o partido que dá sustentação à candidatura de João Castelo, inimigo número um de Sarney no estado. Logo que Sarney teve a sua candidatura a senador ventilada dentro da política maranhense, o presidente do diretório regional do partido, deputado federal Cid Carvalho, desafiou o PFL a mostrar a ficha de filiação de Sarney ao partido, Cid afirmou que tinha documento do TRE dizendo que

Advogados denunciam falsidade

Macapá — Os advogados Emanuel Pereira e Djalma Pinho, contratados pelo PRN do Amapá, ingressaram ontem com representação criminal contra o ex-presidente José Sarney por ele ter declarado, em documento que assinou perante a juíza da 2ª Zona Eleitoral de Macapá, Lia Celi Fanuck, que residia em imóvel situado à rua Leopoldo Machado, na capital amapaense, embora não tenha colocado os pés em Macapá há mais de ano e seja público e notório que sua residência fixa encontra-se localizada na praia do Calhau, em São Luís, Maranhão.

Segundo a representação dos dois advogados do PRN, o ex-presidente Sarney infringiu a norma do artigo 350 do Código Eleitoral, que prevê pena de até um ano de reclusão. Os advogados acusam Sarney de ter feito declarações falsas à justiça eleitoral, inclusive alterando a data do pedido de mudança de seu domicílio eleitoral de São Luís para Macapá. O PRN amapaense

Sarney continuava filiado ao PMDB e que não ganharia legenda na convenção estadual.

Depois de muitos anos afastados dos palanques, Sarney volta agora a fazer campanha longe das costumeiras bases políticas do Maranhão, que o viram no corpo-a-corpo eleitoral, pela última vez, em 1978, quando era candidato ao Senado Federal. De lá até hoje, sua presença em palanques foi muito esporádica, principalmente como presidente da República, onde se manteve longe das campanhas, preferindo dar seu apoio aos candidatos de sua preferência sem se afastar de Brasília.

Hoje, os maiores adversários de Sarney no Maranhão foram seus protegidos em campanhas anteriores, quando precisaram do apoio do Governo Federal. Em 1985, Sarney apoiou o deputado federal Jaime Santana para a prefeitura de São Luís. Na época, Jaime foi adversário de Gardênia Gonçalves (PDS), esposa do senador João Castelo e hoje, já no PSDB, Jaime Santana apoia a candidatura de João Castelo.

apresentou ao ministério público duas certidões emitidas pelo cartório eleitoral da 2ª Zona de Macapá.

Na primeira certidão, assinada pelo escrivão Leandro Alberto, o cartório certifica que "em 25 de junho de 1990, às 20h30, o cidadão José Sarney, portador do título eleitoral número 438451163, da 1ª Zona Eleitoral de São Luís, Maranhão, deu entrada no cartório eleitoral da 2ª Zona de pedido de transferência de domicílio eleitoral para esta 2ª Zona".

A segunda certidão, no entanto, também assinada pelo escrivão Leandro Alberto, revela que o último eleitor a se alistar na 2ª Zona Eleitoral foi Edimar da Silva Souza e que Ana Maria Borges de Oliveira Bastos foi a última eleitora que requereu transferência eleitoral, conforme pauta de registros diários das inscrições e transferências ocorridas no dia 24 de junho de 1990. Os advogados acham que houve falsidade ideológica.

Águas de Xingó

Aracaju — O ex-governador e ex-ministro do Interior, João Alves (PFL), candidato favorito ao governo de Sergipe, promete promover "uma verdadeira revolução agrícola" em seu estado, com o aproveitamento das águas da barragem da hidrelétrica de Xingó para irrigação na agricultura. Para o ex-ministro, as águas represadas em Xingó podem irrigar milhares de hectares de terras, além de gerar pelo menos 50 mil empregos na região do Alto Sertão Sergipano — das áreas mais pobres e atrasadas do Nordeste. Segundo o candidato que conta com o apoio do governador Antônio Carlos Valadares (PFL), o presidente Fernando Collor, "como nordestino e alagoano", deverá se interessar pela sua proposta. (A.E.)

Covas satisfeito

Rio Claro (SP) — O candidato do PSDB ao governo de São Paulo, senador Mário Covas, disse, em Rio Claro, estar satisfeito com sua segunda colocação (29 por cento, segundo o Ibope) nas pesquisas eleitorais, pois acredita no crescimento de sua candidatura até o dia 3 de outubro. Covas está certo de que poderá vencer ainda no primeiro turno, apesar de a liderança estar hoje com o candidato do PDS, Paulo Maluf (42 por cento). "Ele anda meio escondido ultimamente", ironizou o senador, prevendo a queda de seu principal adversário na preferência do eleitorado. Para Mário Covas, o candidato do PMDB, Luiz Antonio Fleury Filho, embora "tenha a seu favor a máquina administrativa, usada pelo governador Orestes Quércia, está longe de ser uma ameaça".

Fora do ar

Curitiba — O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná decidiu, por unanimidade de votos, tirar do ar todos os 54 candidatos às eleições no estado que são profissionais de rádio e televisão. O prazo final para que eles deixem suas funções é hoje. Quem não cumprir a determinação do TRE deverá ter sua candidatura impugnada, segundo advertiu o presidente Negi Calixto. Diz a resolução do TRE, tomada em reunião antecipe à noite, que a medida visa "preservar a igualdade na concorrência eleitoral". Ainda segundo a decisão do Tribunal, os radialistas não poderão participar, mesmo como convidados de qualquer programa de rádio e televisão, sem que os demais candidatos tenham igualdade de acesso aos mesmos programas.